

As variáveis (re)construções do ‘outro’ através da tradução: negritude em foco

Doutoranda Marcela Iochem Valenteⁱ (PUC_RJ/CAPES)

Resumo:

Partindo das obras A Raisin in the Sun, da escritora afro-americana Lorraine Hansberry, e Ponciá Vicêncio, da afro-brasileira Conceição Evaristo, este trabalho pretende suscitar reflexões a respeito das dificuldades encontradas ao se tentar traduzir a negritude em diferentes espaços geográficos, mais especificamente no que diz respeito aos Estados Unidos e ao Brasil. Para tal, partiremos do pressuposto de que a tradução não é apenas um processo interlingual, e sim um processo inserido em sistemas políticos, ideológicos e culturais responsável por variáveis reconstruções do ‘outro’. Para nosso estudo consideraremos algumas ideias de Maria Tymoczko, Gayatri Spivak, Carole Boyce Davies e André Lefevere.

Palavras-chave: Tradução Intercultural, Negritude, Conceição Evaristo, Lorraine Hansberry.

1 Considerações Iniciais

Devido ao reconhecimento da literatura afro-americanaⁱⁱ na academia, questões como a dificuldade de se traduzir o *African American English* – “sistema linguístico usado por alguns afro-americanos” (GREEN, 2007, p. 7) também conhecido como *Ebonics*, *Negro English*, *Black English* e *African American Vernacular English* – para outras línguas vêm sendo constantemente discutidas na academia. Porém, há de se considerar que não apenas a literatura afro-americana traz peculiaridades linguísticas e culturais que precisam ser cuidadosamente estudadas. Toda produção literária traz marcas de um determinado tempo, de uma cultura, de seu autor, além de questões políticas, ideológicas, dentre outras, que precisam ser consideradas ao se traduzir.

Com a influência dos Estudos Culturais nos Estudos de Tradução, a tradução de textos de culturas não-hegemônicas tem recebido considerável atenção nas últimas décadas. Grande parte desses textos deixam transparecer mecanismos de dominação cultural e ideológica que, muitas vezes, acabam provocando uma rediscussão de valores assim como do cânone, pois, como afirma Carole Boyce Davies (1994), a literatura é um espaço para o subalterno mostrar resistência e lutar contra o excludente discurso colonial e suas múltiplas opressões. No que diz respeito as obras de escritoras afro-descendentes, é possível observar inúmeros desafios para a tradução, tendo em vista que através delas muitas autoras expressam a realidade vivida pelo seu povo e para isso utilizam, diversas vezes, uma linguagem específica de determinada comunidade, com marcas culturais peculiares de uma determinada região, além da questão do gênero que geralmente possui grande relevância nesse tipo de produção literária. Ao traduzir esse tipo de literatura, há a necessidade de se considerar não apenas o texto em si, mas todas as questões sociais envolvidas além dos diferentes pressupostos sobre literatura afro-descendente e negritude nas culturas de origem e recepção.

Este trabalho parte do pressuposto de que a tradução não é apenas o processo de transposição de um determinado texto de uma língua de origem para uma língua de chegada, e sim um processo muito mais complexo inserido em sistemas políticos e culturais. Partindo desse pressuposto, é necessário considerar ainda que a tradução pode ser responsável por variáveis reconstruções do ‘outro’ já que a cultura de chegada analisará uma determinada obra sob pressupostos distintivos daqueles da cultura de origem. Além disso, há de se considerar o projeto tradutório e as coerções presentes ao longo do processo de tradução, pois, como afirma André Lefevere

Produzindo traduções, histórias da literatura ou suas próprias compilações mais compactas, obras de referência, antologias, críticas ou edições, reescretores

adaptam, manipulam até um certo ponto os originais com os quais eles trabalham, normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológica ou poetológica dominante de sua época (2007, p.23).

Muitas vezes também, essas manipulações (cortes, perdas, alterações) ocorrem devido à coerções por parte das editoras, por exemplo, influenciando consideravelmente no produto final e também na imagem criada para um autor e sua obra em uma cultura de chegada. Partindo das obras *A Raisin in the Sun*, da escritora afro-americana Lorraine Hansberry, e *Ponciá Vicêncio*, da afro-brasileira Conceição Evaristo, este trabalho pretende suscitar reflexões a respeito das dificuldades encontradas ao se tentar traduzir a negritude em diferentes espaços geográficos, neste caso Estados Unidos e Brasil, atentando para os desafios que essa reconstrução do ‘outro’ apresenta para o tradutor. Também não deixaremos de atentar para o fato de que, como uma forma de reescritura, a tradução é potencialmente “influyente por sua capacidade de projetar a imagem de um autor e/ou uma obra (série de) obra(s) em outra cultura, elevando o autor e/ou as obras para além dos limites de sua cultura de origem” (Lefevere, 2007, p.24) e, com isso, muitas vezes, construindo novas imagens para esse autor e/ou obra. O arcabouço teórico utilizado para o desenvolvimento desse estudo será constituído por algumas idéias de Maria Tymoczko, Gayatri Spivak, Carole Boyce Davies e André Lefevere.

2 Diferentes concepções de negritude: Estados Unidos e Brasil

Ao falarmos da tradução de obras literárias produzidas por escritores afro-descendentes, a primeira questão a ser considerada é o conceito de negritude nas culturas de origem e de chegada. No que diz respeito aos Estados Unidos e ao Brasil, sabemos que embora seja possível falar de um passado histórico com algumas semelhanças devido à experiência da escravidão africana ocorrida em ambos os países, ser negro difere significativamente em cada uma dessas sociedades. No artigo “A relação entre cor e identidade étnica em traduções brasileiras de um romance norte-americano” (1997), Aurora Neiva discute os padrões raciais norte-americano e brasileiro com base em algumas ideias de Carl N. Degler. Ela aponta que o padrão racial norte-americano é dicotômico já que “uma pessoa é considerada ‘black’, nos Estados Unidos, em razão de sua ascendência africana e não em virtude da cor exata de sua pele” (p.532). Desta maneira, mesmo que o indivíduo possua a aparência de uma pessoa branca, havendo um negro se quer em sua ascendência, esta pessoa é considerada negra pelos padrões norte-americanos, daí o termo *one-drop rule* – uma única gota de sangue negro torna o indivíduo negro, independente de sua aparência. Em contrapartida,

a dicotomia “white”/“black”, típica da sociedade norte-americana, se desdobra entre nós, brasileiros, numa escala cromática de valores: quanto mais próximo nessa escala estiver o indivíduo do ideal branco, mais aceito socialmente o será. Nuances de cor de pele são, portanto, altamente marcadas entre os não brancos, refletindo assim os mecanismos simbólicos de discriminação étnica que caracterizam o imaginário da população brasileira em geral (NEIVA, 1997, p.533).

Outra questão de extrema relevância no que diz respeito à negritude no Brasil é o mito da democracia racial. Como ser negro no Brasil não é algo dicotômico e bem definido como o é nos Estados Unidos, e ainda devido à suposta tolerância racial e ausência de discriminação pregada pelas elites políticas e intelectuais, assim como pela mídia, muitos acreditam que as relações raciais no Brasil não são desiguais como no contexto norte-americano e que, ao invés disso, questões como sexo e classe social, por exemplo, seriam muito mais relevantes do que a questão racial no que diz respeito à discriminação nesse país. Como aponta a socióloga Gevanilda Santos em seu livro *Relações raciais e desigualdade no Brasil* (2009)

A ideia do brasileiro cordial é muito divulgada. Supõe uma vocação nacional para a convivência harmônica diante da desigualdade racial aqui existente, e, ao mesmo tempo, esconde o modo de ser preconceituoso do brasileiro. (...) o debate sobre

temas relativos ao preconceito racial, à prática discriminatória e à concepção do racismo no Brasil foi afastado da História, dos currículos escolares, do cotidiano do jovem leitor e de toda a sociedade. A impressão é que não existe racismo no Brasil (p.21).

Conscientes então das diferentes noções de negritude em diferentes espaços geográficos, ao traduzimos obras literárias provenientes desses contextos, mais do que a escolha de um registro ou de palavras específicas está em questão. Desta maneira, este trabalho propõe discutir alguns desafios encontrados em duas obras de escritoras afro-descendentes no que diz respeito à tradução. Antes de partirmos para tal análise, traremos uma breve apresentação das escritoras e suas obras em questão neste trabalho para que se possa compreender a relevância das mesmas em suas respectivas culturas de origem.

3 Lorraine Hansberry & *A Raisin in the Sun*

A escritora afro-americana Lorraine Hansberry produziu nas décadas de 1950 e 60 e sua obra mais famosa foi a peça *A Raisin in the Sun* escrita em 1957 – porém produzida pela primeira vez apenas em 59 – e, por enquanto, traduzida apenas para o alemão. Hansberry conseguiu mostrar em seu trabalho a situação vivida por afro-americanos em seu tempo e ainda utilizar a sua fama e reconhecimento para lutar contra o preconceito sofrido pelos afro-descendentes de sua comunidade. Embora a *Terra das Oportunidades* pareça oferecer igual direito a busca por felicidade, liberdade e oportunidades, Hansberry mostra que o *Sonho Americano* não está disponível para todos da mesma maneira. Muitos imigrantes participantes dos novos processos diaspóricos, ou ainda aqueles que foram trazidos aos EUA devido a seu passado de escravidão, foram excluídos, marginalizados e vistos como inferiores ao tentar se adaptar a sua nova realidade, buscando melhores condições em seu novo país. Como aponta Linda Hutcheon (1992, 1993, 2000), “o outro” tende a ser visto como “ex-cêntrico”, não apenas no sentido de diferente, mas também no sentido de fora do centro, fora dos padrões, pertencente às margens por não se encaixar no estereótipo do colonizador.

A peça *A Raisin in the Sun* se apresenta como um tipo de produção subversiva e que hoje nos serve como uma referência histórica. Essa peça ganhou reconhecimento nos palcos da Broadway em um período em que não se podia imaginar a possibilidade de uma produção de uma escritora negra e ainda com elenco e direção de negros alcançando grande sucesso em tal local. Hansberry utilizou a sua obra para questionar e subverter valores hegemônicos da sociedade norte-americana, levantando muitas discussões de grande relevância para o movimento negro ainda discutidas na contemporaneidade.

Através da família Youngers, uma família afro-descendente vivendo no sul de Chicago, a autora conseguiu desconstruir o tão sonhado *American Dream*. Hansberry mostra em sua peça que muitos são excluídos desse sonho e acabam por viver um pesadelo na suposta *Terra das Oportunidades*. É importante ficar claro que temos consciência de que os debates sobre as questões de gênero, raça e etnia nos Estados Unidos evoluíram com o passar do tempo e hoje a situação não é a mesma das décadas de 1950 e 60 retratadas pela autora, porém, ainda assim, muitas das questões levantadas por Hansberry em *A Raisin in the Sun* permanecem.

A Raisin in the Sun mostra os sonhos e planos da família Younger para a quantia de dez mil dólares que receberiam de um seguro de vida devido à morte de seu patriarca. Cada membro da família tinha um plano diferente para o dinheiro, gerando a partir de então intensos conflitos a fim de decidir o destino de tal quantia. Mamma, a viúva de Mr. Younger, decide que a melhor opção para o dinheiro é realizar o antigo sonho de ter uma casa própria. Entretanto, a casa escolhida por ela fica situada em um bairro majoritariamente habitado por cidadãos brancos, o que leva a família a sofrer fortes preconceitos antes mesmo da mudança para sua casa nova.

A questão da opressão e da segregação é tratada nessa peça de forma bastante clara e direta através de um personagem chamado Mr. Linder. Tal personagem tem a função de conversar com a

família Younger - como um representante do bairro onde a família comprou sua casa - no intuito de convencê-los a não mudar para aquele local. Para tal, ele oferece a família um cheque no valor da casa comprada, sugerindo que eles comprem um outro imóvel em algum outro lugar, este, apropriado para negros.

LINDNER: Eu quero que vocês acreditem em mim quando eu digo que preconceito racial simplesmente não está em questão. O fato é que as pessoas de *Clybourne Park* acreditam que (...) para a felicidade de todos os envolvidos nossas famílias negras são mais felizes quando elas vivem em *suas próprias* comunidades (HANSBERRY, 1994. p.118).

A atitude desse personagem nos mostra de forma bastante objetiva a discriminação e o racismo presentes na sociedade norte-americana naquele contexto.

Também é interessante notar questões relacionadas a construção de identidade dos personagens nesta peça. Dentro de uma mesma família, Hansberry apresentou diferentes posicionamentos em relação à posição marginal relegada aos afro-descendentes nos Estados Unidos na década de 50 e diferentes reações a essa condição. Hansberry mostra ainda um pouco da complexidade de se viver tendo que negociar entre duas culturas, em constante luta contra múltiplas camadas de opressão – utilizando o termo de Spivak. A personagem Beneatha, por exemplo, se mostra extremamente fragmentada e em constante negociação entre os valores da sociedade norte-americana em que ela e sua família vivem e o desejo da busca por suas origens africanas. No caso desta personagem, essa fragmentação é refletida até mesmo na linguagem utilizada por ela em determinados contextos, oscilando entre um registro extremamente erudito e formal e uma variante não padrão da língua inglesa, o *African American English*.

A *Raisin in the Sun* desconstrói a noção de *melting pot* pregada pela sociedade norte-americana onde todos estariam misturados, integrados e seriam bem aceitos, ressaltando a discriminação existente quanto à nacionalidade, posição social, raça e até mesmo à sexualidade. Mesmo tendo sido escrita na década de 1950, questões como a ilusão do Sonho Americano, o mito da terra das oportunidades, as múltiplas camadas de preconceito da sociedade norte-americana, fazem de *A Raisin in the Sun* uma produção contemporânea. É importante lembrar que Hansberry e sua peça são constantemente homenagiadas nos Estados Unidos até os dias de hoje e *A Raisin in the Sun* é lida e discutida em escolas e universidades norte-americanas.

4 Conceição Evaristo & Ponciá Vicêncio

A escritora afro-brasileira Maria da Conceição Evaristo de Brito é bastante conhecida por suas constantes publicações na série *Cadernos Negros* – uma coletânea de poemas que surgiu em 1978 e a única antologia publicada regularmente com textos de autores afro-brasileiros. Além de sua poesia, contos e trabalhos acadêmicos publicados, Evaristo é autora de dois romances: *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006), sendo o primeiro traduzido para o inglês em 2008. Ainda em 2008, Evaristo lançou seu mais recente livro *Poemas da recordação e outros movimentos* onde a autora reúne uma série de poemas anteriormente publicados nos *Cadernos Negros*.

Embora esteja se tornando cada vez mais reconhecida dentro e fora do Brasil recentemente, Conceição Evaristo não é considerada uma autora canônica no polissistema literário brasileiro. Porém, na academia, pesquisas sobre sua obra tem se tornado cada vez mais frequentes. Seus romances, contos e poemas têm sido estudados com base em teorias de gênero e nos estudos pós-coloniais devido à sua condição de mulher, negra e por muito tempo, de classe social desfavorecida. Uma confirmação do espaço que a autora vem conquistando na academia foi a indicação de seu romance *Ponciá Vicêncio* como leitura obrigatória para vestibulares de grandes instituições como a UFMG em 2008 e a UEL em 2009, assim como a utilização de seu romance e seus poemas em cursos de literatura no Brasil e também nos Estados Unidos. Com a tradução de seu primeiro romance e vários de seus poemas para o inglês, Evaristo vem se tornando então, cada vez mais

conhecida internacionalmente por estudiosos da diáspora africana e das questões de gênero.

Ponciá Vicêncio narra problemas do cotidiano das mulheres afro-descendentes sob um ponto de vista claramente feminino e negro. O romance descreve os caminhos, as marcas, os sonhos e os desencantos da protagonista Ponciá traçando a trajetória da mulher negra e pobre, desde sua infância até a idade adulta, estabelecendo um diálogo entre o passado e o presente, a lembrança e a vivência, o real e o imaginado. Através da narrativa fragmentada do romance, a história de Ponciá é contada e percebemos que a memória da infância da menina negra e inocente vivendo no campo, tão repleta de boas recordações, vai sendo substituída pela memória da adolescente negra, empregada doméstica, insatisfeita com sua realidade e da mulher vivendo na cidade grande em condições degradantes, sofrendo violências do marido e perda dos seus e de si mesma “Ponciá se adentrava num mundo só dela, onde o outro, cá de fora, por mais que gostasse dela, encontrava uma intransponível porta” (p.109), “gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornado-se alheia de seu próprio eu” (p.45).

Neta de escravos, Ponciá Vicêncio é obrigada a ajudar sua mãe, Maria Vicêncio, como oleira, moldando vasos de barro desde muito jovem. Com o passar dos anos, insatisfeita com a falta de perspectiva da vida que levava, Ponciá decide buscar uma vida melhor para si na cidade grande. A menina junta então suas poucas economias e compra uma passagem de trem para o Rio de Janeiro, viagem que dura cerca de três dias. Durante o percurso, se alimenta com apenas um pedaço de rapadura que ao invés de mastigar, chupava, economizando para as eventualidades. Na cidade, Ponciá acaba em condições degradantes vivendo em uma favela acompanhada de um marido que não a compreendia.

Encorajado pela atitude da irmã, seu irmão Luandi também parte para a cidade grande, mas acaba perdendo o endereço de Ponciá e assim, o seu drama pessoal ganha tonalidade maior em parte do romance. Anos depois, a mãe resolve ir em busca de seus dois filhos. Assim completava-se a fuga da família para a cidade em busca de melhores condições. Porém, os sonhos trazidos pela família foram se perdendo e todos acabaram vivendo sob condições tão degradantes quanto as que viviam no campo.

De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até o dia de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida (p.83).

5 Alguns desafios no que diz respeito a tradução em *Ponciá Vicêncio* e *A Raisin in the Sun*

Embora estejamos trabalhando com duas obras de períodos distintos – sendo *A Raisin in the Sun* de 1959 e *Ponciá Vicêncio* de 2003 – e provenientes de contextos bastante diferentes – afro-americano e afro-brasileiro, respectivamente – muitos pontos em comum podem ser observados nessas obras no que diz respeito a questões relacionadas à tradução da negritude e a construção do ‘outro’ através da tradução. Como vimos ao longo desse trabalho, as noções de negritude variam consideravelmente em diferentes espaços geográficos, em diferentes culturas. Por esse motivo, uma obra traduzida pode ter um status diferente na cultura receptora e na cultura de origem. Além disso, as peculiaridades culturais, a linguagem específica utilizada por determinado povo, e a própria noção de negritude e tudo o que ela implica, muitas vezes não podem ser levados para uma outra cultura, demandando alterações, escolhas cuidadosas do tradutor, e construindo uma outra imagem para a obra traduzida na cultura de recepção.

Em “Post-colonial writing and literary translation” (1999) Maria Tymoczko defende que a

Tradução e a Literatura Pós-colonial possuem muitos aspectos convergentes. Tymoczko aponta que ambos os tipos de produções textuais possuem como preocupação central a transmissão de elementos de uma cultura para a outra através de diferenças culturais e linguísticas. Ela afirma ainda que as restrições encontradas por tradutores e escritores pós-coloniais também são semelhantes já que nenhum texto pode ser totalmente traduzido em todos os seus aspectos e nenhuma cultura pode ser totalmente representada em um texto. Sendo assim, da mesma forma que o tradutor decide como lidar com peculiaridades da cultura fonte que não são familiares ao público receptor, muitas vezes modificando e adaptando o texto de origem nesse processo, um escritor de uma cultura não-hegemônica deve fazer escolhas ao representar a sua cultura já que não é possível representá-la completamente em um texto. Tanto *A Raisin in the Sun* quanto *Ponciá Vicêncio* apresentam muitos desafios no que diz respeito à tradução por todos os motivos aqui já discutidos.

Em *A Raisin in the Sun*, a primeira dificuldade que podemos especular diz respeito ao título. Em inglês, este título faz todo sentido e mostra características da obra em si. Hansberry obteve inspiração para este título em um poema de Langston Hughes intitulado “Harlem”. Tal poema gira em torno de questionamentos sobre o que acontece com os sonhos adiados, ou nunca alcançados. É isso que de fato acontece ao longo do enredo já que a peça aborda os sonhos, geralmente adiados, de uma família afro-americana. Embora esta obra ainda não tenha sido traduzida para o português, existem duas versões de filmes da mesma que possuem legenda em português. No caso dos filmes, a escolha para a tradução do título não tem nenhuma relação com o título original da obra. Este foi traduzido para o português como *O Sol tornará a brilhar*, perdendo a característica dos sonhos postergados presentes no título em inglês e trazendo um sentido de esperança, um tanto quanto diferente do sentido do título original.

Além desta problemática do título, temos a personagem Beneatha, cuja linguagem utilizada mostra muito da situação “entre-culturas” vivida por ela. Seu discurso ao longo da peça passa por variações bastante significativas que vem a mostrar sua identidade fragmentada. Há momentos em que a personagem mostra uma constante busca pelo seu “eu” e suas origens, assim sendo, utilizando o *African American English* - e em outros, quando ela está inserida no contexto do colonizador como, por exemplo, na faculdade ou entre os brancos, utilizando o *Standard English* algumas vezes de forma até bastante formal, vista por alguns como Shakespeareana. Tal característica no discurso da personagem tem tão grande importância, que em sua apresentação a autora Hansberry reforça tal traço nas orientações dadas antes da primeira fala da personagem: “Seu discurso é uma mistura de muitas coisas; é diferente do restante da família já que a educação permeou sua idéia de inglês” (HANSBERRY, 1994, p.35).

Se por um lado Beneatha usa expressões que a aproximam de sua família por serem informais e mais características do grupo social e étnico em que ela está inserida como: “That raggedy-looking old thing” (HANSBERRY, 1994, p.121), por outro lado há momentos em que a personagem chega a tal grau de formalidade no uso da linguagem que insere pronomes notavelmente formais como *thee* e *thy*, como em: “Thee is mad” (HANSBERRY, 1994, p.38). Toda essa variação de registro no discurso de Beneatha traz um grande desafio para o tradutor que teria que buscar correspondentes para expressar essa mesma idéia de fragmentação e variação no discurso da personagem na língua/ cultura de recepção.

O uso do *African American English* também traz uma questão bastante complexa, pois é consideravelmente complicado escolher um determinado registro em português que possa ser equiparado a esse registro específico utilizado em inglês, uma vez que estamos tratando de duas sociedades bem distintas, com histórias, valores e realidades muito diferentes. Vale ainda lembrar que o *AAE* é um fenômeno bastante localizado na sociedade norte-americana e que ele não possui um correspondente direto em português.

Em *Ponciá Vicêncio*, embora tenhamos o uso da variante padrão e de uma linguagem mais poética e linear, a forte presença de peculiaridades regionais e o constante apelo aos sentidos se apresentam como uma característica marcante do romance. Como afirma Maria José Somerlate Barbosa no prefácio para a edição de 2006

Ponciá Vicêncio é um romance que convida o (a) leitor(a) a conhecer a protagonista pelos sentidos. Revela cheiros, sabores, paisagens e a percepção da menina que escuta tudo e todos, olha, vê, sente e se emociona com o arco-íris, com as comidas, com o cheiro do café fresco e das broas de fubá e que trabalha o barro, modelando objetos de argila (p.11).

Sem dúvidas, essas características regionais se apresentam como um desafio na hora de se traduzir pois muitos dos objetos, comidas típicas, paisagens dentre outros, não possuem um equivalente possível na cultura de chegada, exigindo uma escolha cuidadosa por parte do tradutor.

Ao lembrar de sua infância no campo e das casas dos negros onde Poncá vivia quando menina, temos a presença de objetos, comidas, dentre outras coisas, que certamente geram um desafio para o tradutor: “as crianças gostavam de raspar os tachos se lambuzando com os doces de mamão, cidra, banana, goiaba, leite, abóbora e o melado de rapadura” (p.59). Ainda mais desafiador é a tradução dos episódios em que questões religiosas estão presentes. Em *Afro-descendências em Cadernos Negros e jornal do MNU*, a pesquisadora Florentina da Silva Souza fala da importância das questões religiosas para a comunidade afro-descendente no Brasil e da relevância desse elemento na escrita desse grupo:

Não será a cor da pele ou a origem étnica o elemento definidor dessa produção textual, mas sim o compromisso de criar um discurso que manifeste as marcas das experiências históricas e cotidianas dos afro-descendentes no país. O conjunto de textos circula pela história do Brasil, pela tradição popular de origem africana, faz incursões no iorubá e na linguagem dos rituais religiosos, legitimando tradições, histórias e modos de dizer, em geral ignorados pela tradição instituída (2005, p. 61).

Outras questões que trazem desafios para a tradução em *Ponciá Vicêncio* são questões históricas como a *Lei do ventre livre* e a *Lei áurea*. Há ainda a presença de pássaros tipicamente brasileiros, e o próprio conceito de favela, que é bastante diferente da idéia de gueto nos Estados Unidos por exemplo. É relevante ressaltar que na tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês há um prefácio onde a tradutora se ocupa de explicar muitas dessas questões aqui apontadas, justificando suas escolhas ao longo do processo tradutório e apresentando parte das dificuldades encontradas para solucionar algumas dessas questões.

Considerações Finais

Após as breves considerações aqui trazidas sobre a questão da negritude no Brasil e nos Estados Unidos, espera-se que tenha sido possível perceber a importância de traduções literárias conscientes no que diz respeito a obras produzidas por afro-descendentes. Isso porque, como afirma Susan Bassnett “a tradução não acontece no vácuo e sim em um contínuo; ela não é um ato isolado, mas parte de um processo contínuo de transferência intercultural” (BASSNETT, 1999, p.2) já que está inserida em sistemas políticos, ideológicos e culturais, sendo responsável por variáveis reconstruções do ‘outro’.

Outro aspecto bastante relevante é o uso de paratextos na tradução desse tipo de obra. Considerando que muitas vezes não é possível encontrar correspondes na língua/cultura de recepção, ou o tradutor opta por buscar possibilidades na cultura de recepção apagando marcas do texto original e domesticando-o, ou ele pode levar um pouco da cultura de origem à cultura de recepção através da utilização de prefácios, notas, paratextos em geral, esclarecendo para o leitor as complexidades desse tipo de escrita assim como os aspectos culturais e linguísticos envolvidos. Para Maria Tymoczko, na forma de introduções, notas, ensaios críticos, glossários, mapas e afins, o tradutor pode explicar questões culturais e literárias necessárias para o público receptor, sendo assim, “o tradutor pode manipular mais do que um nível textual simultaneamente, afim de codificar

e explicar o texto fonte” (TYMOCZKO, 1999, p. 22). Na tradução de obras como *A Raisin in the Sun* e *Ponciá Vicêncio*, acreditamos ser extremamente necessário o uso de tais recursos para que o leitor do texto traduzido compreenda parte da complexidade do texto e da cultura de origem.

Referências Bibliográficas

- 1] BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (Ed.). *Post-colonial Translation: Theory and Practice*. London: Routledge, 1999.
- 2] DAVIES, Carole Boyce. *Black, Women Writing and Identity: Migrations of the subjectivity*. New York : Routledge, 1994.
- 3] EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- 4] _____. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- 5] _____. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- 6] _____. *Ponciá Vicêncio*. Traduzido por Paloma Martinez-Cruz. Texas: Host-Publications, 2008.
- 7] GREEN, Lisa J. *African-American English: A linguistic introduction*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- 8] HANSBERRY, Lorraine. *A Raisin in the Sun*. New York: Random House, 1994.
- 9] HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. London: Routledge, 1992.
- 10] _____. “Beginning to Theorize Postmodernism”. In: NATOLI, Joseph; HUTCHEON, Linda (Ed.). *A Postmodern Reader*. New York: State University of New York Press, 1993. p. 243-272.
- 11] _____. *The Politics of Postmodernism*. London: Routledge, 2000.
- 12] LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Traduzido por Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.
- 13] NEIVA, Aurora. “A relação entre cor e identidade étnica em traduções brasileiras de um romance norte-americano” In: VASSALO, Ligia (org. & prep.). *Estudos Neolatinos 2 Prog. de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Faculdade de Letras –UFRJ*, 1997.
- 14] SANTOS, Gevanilda. *Relações raciais e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- 15] SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendências em Cadernos Negros e jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- 16] SPIVAK, Gayatri Chakravorty. “Can the Subaltern Speak?” In: ASHCROFT, Bill et al (Ed.). *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1997. p. 24-28.
- 17] TYMOCZKO, Maria. Post-colonial writing and literary translation. In: BASSNETT, Susan & TRIVEDI, Harish (Orgs.) *Post-colonial Translation: Theory and Practice*. London/New York: Routledge, 1999. p.19-40

ⁱ marcellaiv@ig.com.br

ⁱⁱ Manteremos o uso do hífen em todas as palavras com prefixo *afro* devido a implicações teóricas. Embora, de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa, essas palavras não sejam mais hifenizadas, nos estudos pós-coloniais, com base em teóricos como Stuart Hall e Homi Bhabha, falamos em sujeitos híbridos e identidades hifenizadas, daí a opção pela manutenção do hífen em termos como afro-americano, afro-brasileiro, dentre outros.